

NO ESCURO

ELIZABETH HAYNES

No escuro

TRADUÇÃO DE MAURO PINHEIRO



Copyright © Elizabeth Haynes 2011

TÍTULO ORIGINAL

Into the Darkest Corner

CAPA

Anthony Grech-Cumbo

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

PREPARAÇÃO

Sheila Louzada

REVISÃO

Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H335c

Haynes, Elizabeth, 1971-

No escuro / Elizabeth Haynes ; tradução de Mauro
Pinheiro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

Tradução de: Into the darkest corner

ISBN 978-85-8057-294-0

1. Romance inglês. I. Pinheiro, Mauro, 1957-. II. Título.

12-8970.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Wendy George e Jackie Moscicki —
mulheres fortes e inspiradoras.

Tribunal da Coroa de Lancaster

A Coroa contra o Sr. Brightman

Quarta-feira, 11 de maio de 2005

Sessão matinal

SUA EXCELENCIA O JUIZ NOLAN

- SR. MACLEAN Seu nome completo, por favor.
- SR. BRIGHTMAN Lee Anthony Brightman.
- SR. MACLEAN Obrigado. O senhor manteve um relacionamento com a Srta. Bailey, correto?
- SR. BRIGHTMAN Sim.
- SR. MACLEAN Por quanto tempo?
- SR. BRIGHTMAN Eu a conheci no fim de outubro de 2003. Nosso relacionamento durou até meados de junho do ano passado.
- SR. MACLEAN E como vocês se conheceram?
- SR. BRIGHTMAN Por causa do meu trabalho. Eu estava em uma missão e por acaso nos conhecemos nesse período.
- SR. MACLEAN E iniciaram um relacionamento?
- SR. BRIGHTMAN Sim.
- SR. MACLEAN O senhor disse que esse relacionamento terminou em junho. Foi uma decisão mútua?
- SR. BRIGHTMAN As coisas já não iam bem fazia algum tempo. Catherine era muito ciumenta em relação ao tempo que eu passava longe dela, trabalhando. Estava convencida de que eu tinha uma amante.
- SR. MACLEAN E o senhor tinha?
- SR. BRIGHTMAN Não. Meu trabalho às vezes me obriga a ficar longe de casa por alguns dias, e a natureza do que eu faço me impede de contar a qualquer pessoa, mesmo à minha namorada, onde estou ou quando vou voltar para casa.
- SR. MACLEAN Esse tempo que o senhor passava longe de casa gerava discussões entre vocês dois?
- SR. BRIGHTMAN Sim. Ela pegava meu celular para ver se havia mensagens de outra mulher, ficava me perguntando aonde eu tinha ido, com quem eu tinha me encontrado. Quando eu voltava de um

trabalho, tudo o que eu queria era esquecer as obrigações e relaxar um pouco. Comecei a perceber que eu nunca tinha a chance de fazer isso.

SR. MACLEAN

Então o senhor pôs um fim ao relacionamento?

SR. BRIGHTMAN

Não. Tínhamos nossas brigas de vez em quando, mas eu a amava. Eu sabia que ela sofria com problemas emocionais. Quando ela me agredia, eu sempre me dizia que não era culpa dela.

SR. MACLEAN

O que o senhor quer dizer com “problemas emocionais”?

SR. BRIGHTMAN

Bem, ela me contou que já tinha sofrido crises de ansiedade. Quanto mais tempo eu passava com ela, mais eu percebia os sinais disso. Ela saía para beber com as amigas, ou bebia em casa, e quando eu chegava, ela começava a discutir e se tornava agressiva comigo.

SR. MACLEAN

Vamos nos concentrar nos problemas emocionais. Eu gostaria de me aprofundar um pouco mais nessa questão. O senhor viu, ao longo de seu relacionamento, alguma evidência de que a Srta. Bailey pudesse machucar a si mesma durante períodos de estresse emocional?

SR. BRIGHTMAN

Não. Alguns amigos dela me contaram que ela uma vez cortou os pulsos.

SR. LEWIS

Objecção, Meritíssimo. Não foi perguntada à testemunha a opinião dos amigos da Srta. Bailey.

JUIZ NOLAN

Por favor, Sr. Brightman, atenha-se às perguntas que lhe forem feitas. Obrigado.

SR. MACLEAN

O senhor mencionou que a Srta. Bailey “se tornava agressiva” com o senhor. Pode nos explicar o que quer dizer com “se tornar agressiva”?

SR. BRIGHTMAN

Ela gritava, me empurrava, me batia, me chutava. Esse tipo de coisa.

SR. MACLEAN

Ela era violenta com o senhor?

SR. BRIGHTMAN

Sim. Bem, sim, era.

SR. MACLEAN

E quantas vezes isso aconteceu?

SR. BRIGHTMAN

Não sei. Não contei.

SR. MACLEAN

E qual era a sua reação nessas ocasiões em que ela “se tornava agressiva” com o senhor?

SR. BRIGHTMAN

Eu me afastava. Já lido muito com esse tipo de problema no trabalho. Não preciso disso quando volto para casa.

SR. MACLEAN

E o senhor chegou a ser violento com ela também?

SR. BRIGHTMAN Só da última vez. Ela me trancou em casa e escondeu a chave. Estava furiosa comigo. Eu estava trabalhando num caso bem complicado e acabei perdendo o controle. Revidei. Foi a primeira vez na vida que bati em uma mulher.

SR. MACLEAN Essa última vez... Está falando de que data exatamente?

SR. BRIGHTMAN Foi em junho. No dia treze, eu acho.

SR. MACLEAN O senhor poderia nos contar o que aconteceu nesse dia?

SR. BRIGHTMAN Eu tinha passado a noite anterior na casa de Catherine. Estava de plantão naquele fim de semana, então saí de casa antes de ela acordar. Quando voltei naquela noite, encontrei-a já um pouco alterada pelo álcool. Ela me acusou de ter passado o dia com outra mulher — a mesma coisa que vivia repetindo. Eu agüentei calado por certo tempo, mas depois de algumas horas, cansei. Quis sair para dar uma volta, mas ela havia trancado a porta. Ela começou a berrar e a me xingar, sem parar, me dando tapas, arranhando meu rosto. Eu a empurrei para trás, o suficiente para afastá-la. Então ela veio para cima de mim outra vez, e eu bati nela.

SR. MACLEAN E como o senhor bateu na Srta. Bailey? Foi um soco, um tapa?

SR. BRIGHTMAN Dei um soco nela.

SR. MACLEAN Entendo. E o que aconteceu depois?

SR. BRIGHTMAN Ela não parou; começou a gritar mais alto e voltou a me atacar. Então eu bati nela mais uma vez. Provavelmente com mais força. Ela caiu para trás e fui ver se ela estava bem, ajudá-la a se levantar. Acho que acabei pisando na sua mão. Ela deu um berro e atirou algo na minha direção. Era a chave da porta.

SR. MACLEAN O que o senhor fez em seguida?

SR. BRIGHTMAN Peguei a chave, abri a porta e fui embora.

SR. MACLEAN Que horas eram?

SR. BRIGHTMAN Acho que eram sete e quinze.

SR. MACLEAN E quando o senhor saiu, em que condição ela se encontrava?

SR. BRIGHTMAN Ainda estava gritando.

SR. MACLEAN Ela estava machucada, sangrando?

SR. BRIGHTMAN Acho que talvez estivesse sangrando.

SR. MACLEAN Pode ser mais preciso, Sr. Brightman?

SR. BRIGHTMAN Havia um pouco de sangue no seu rosto. Não sei de onde veio. Não era muito.

SR. MACLEAN E o senhor se machucou?

SR. BRIGHTMAN Só alguns arranhões.

SR. MACLEAN O senhor achou que ela precisava de cuidados médicos?

SR. BRIGHTMAN Não.

SR. MACLEAN Mesmo ela chorando e parecendo estar sangrando?

SR. BRIGHTMAN Pelo que eu me lembro, ela não estava chorando. Quando saí, estava berrando e me xingando. Se precisasse de cuidados médicos, acredito que poderia procurar sozinha, sem minha ajuda.

SR. MACLEAN Entendo. Então, depois de sair da casa da Srta. Bailey às sete e quinze, o senhor voltou a vê-la?

SR. BRIGHTMAN Não, não voltei a vê-la.

SR. MACLEAN Telefonou para ela?

SR. BRIGHTMAN Não.

SR. MACLEAN Sr. Brightman, quero que reflita com cuidado antes de responder a minha próxima pergunta. Como o senhor se sente hoje em relação aos acontecimentos daquele dia?

SR. BRIGHTMAN Lamento profundamente tudo o que aconteceu. Eu a amava. Tinha pedido Catherine em casamento. Não fazia ideia de que ela estivesse tão perturbada emocionalmente e juro por Deus que me arrependo de ter revidado. Queria ter me esforçado mais para acalmá-la.

SR. MACLEAN Obrigado. Sem mais perguntas, Meritíssimo.

CONTRAINTERROGATÓRIO

SR. LEWIS Sr. Brightman, poderíamos descrever como um relacionamento sério o que o senhor mantinha com a Srta. Bailey?

SR. BRIGHTMAN Acredito que sim.

SR. LEWIS O senhor entende que faz parte dos termos e condições de seu emprego manter seus superiores informados sobre mudanças em suas circunstâncias pessoais, fornecendo inclusive detalhes sobre seus relacionamentos?

SR. BRIGHTMAN Entendo.

SR. LEWIS Ainda assim, o senhor preferiu não informar a ninguém em seu trabalho sobre seu relacionamento com a Srta. Bailey, não é verdade?

SR. BRIGHTMAN Eu planejava fazer isso quando Catherine aceitasse se casar comigo. De qualquer forma, eu já pretendia falar sobre isso

quando fosse fazer minha avaliação de desempenho, que estava marcada para o fim de setembro.

SR. LEWIS Eu gostaria de chamar sua atenção para a prova documental WL/1 — página quatorze do conjunto de provas —, que é o depoimento do policial William Lay. O policial Lay o prendeu na terça-feira, quinze de junho de dois mil e quatro, em seu endereço domiciliar. Em seu depoimento, ele afirma que, quando lhe perguntou sobre a Srta. Bailey, o senhor inicialmente respondeu, nas seguintes palavras: “Não sei de quem o senhor está falando.” O senhor confirma isso?

SR. BRIGHTMAN Não me lembro exatamente do que eu disse.

SR. LEWIS Esta era a mesma mulher pela qual o senhor posteriormente afirmou estar apaixonado, com a qual pretendia se casar. O senhor confirma isso?

SR. BRIGHTMAN Os policiais Lay e Newman apareceram na minha casa às seis da manhã. Eu tinha passado as três noites anteriores trabalhando e havia acabado de me deitar. Estava desorientado.

SR. LEWIS O senhor afirmou também o seguinte, quando interrogado mais tarde naquele mesmo dia, no distrito policial de Lancaster — e novamente cito suas palavras exatas: “Eu a estava investigando, só isso. Quando saí de sua casa, ela estava bem. Ela tinha problemas emocionais, problemas de saúde mental.” O senhor confirma isso?

SR. BRIGHTMAN *(inaudível)*

JUIZ NOLAN Sr. Brightman, poderia falar mais alto?

SR. BRIGHTMAN Sim.

SR. LEWIS E o senhor estava de fato realizando uma investigação sobre a Srta. Bailey?

SR. BRIGHTMAN Não.

SR. LEWIS Sem mais perguntas.

JUIZ NOLAN Obrigado. Neste caso, senhoras e senhores, faremos uma pausa para o almoço.

Quinta-feira, 21 de junho de 2001

EM SE TRATANDO DE UM DIA para morrer, o mais longo do ano era tão bom quanto qualquer outro.

Naomi Bennett estava deitada de olhos abertos no fundo de uma vala. O sangue que a mantivera viva durante todos os seus vinte e quatro anos se esvaía por entre as pedras e os cascalhos embaixo dela.

Enquanto oscilava entre a consciência e a inconsciência, Naomi contemplava a ironia de tudo aquilo: prestes a morrer — depois de tanta coisa a que sobrevivera, e justo quando ela acreditava que a liberdade estava tão próxima — pelas mãos do único homem que a havia amado de verdade e que lhe demonstrara afeto. Ele estava na beira da vala, lá em cima, seu rosto na sombra enquanto o sol brilhava através das folhas verdes e projetava sobre ele rajadas de luz, seu cabelo como uma auréola cintilante. Esperando.

O sangue encheu seus pulmões e ela tossiu, cuspidando bolhas vermelhas que espumaram sobre seu queixo.

Ele permanecia imóvel, uma das mãos na pá, vendo o sangue escorrer do corpo dela, admirando aquela coloração incrível, como uma joia em estado líquido, e constatando que, mesmo no momento da morte, ela ainda era a mulher mais linda que ele já vira.

Assim que o fluxo do sangramento reduziu-se a um mero filete, ele se virou, olhando para o desolamento daquela terra de ninguém situada entre uma propriedade industrial e uma zona agrícola. Ninguém ia ali, nem mesmo para levar o cachorro para passear; o solo era duro e repleto de lixo industrial, acumulado havia décadas, o mato crescia em meio a bobinas de cabos descartadas, um líquido marrom vazava de barris de combustível enferrujados e, na extremidade, sob uma longa fileira de limoeiros, havia uma vala de dois metros que se enchia de água imunda quando chovia, despejando-a a pouco mais de um quilômetro dali, dentro do rio.

Passaram-se vários minutos.

Ela estava morta.

O vento ficara mais forte. Ele olhou para cima, por entre as copas das árvores: nuvens perseguiam umas às outras no céu.

Ele desceu com cuidado a inclinação íngreme até o fundo da vala, usando a pá como apoio, e então, sem hesitar, acertou-a com força no crânio, resvalando na primeira vez, mas depois, com um som abafado, rachou sua cabeça, e o osso

quebrado penetrou na carne. Repetiu o golpe várias vezes, ofegante devido ao esforço, até esmagar seu rosto, transformando dentes, ossos e carne em uma massa horrenda.

Depois disso, ela não era mais sua Naomi.

Ele utilizou a faca novamente para fazer talhos em seus dedos, um de cada vez, depois nas palmas das mãos, até não deixar nada que pudesse identificá-la.

Finalmente, usou a pá ensanguentada para cobri-la com a terra, a areia e o lixo acumulados na vala. Não foi um trabalho bem-feito. Havia sangue por toda parte.

Mas, ao terminar — enxugando as lágrimas que corriam desde que ela dissera seu nome, surpresa, no momento em que ele cortara-lhe o pescoço —, as primeiras gotas de chuva começaram a cair do céu do anoitecer.

Quarta-feira, 31 de outubro de 2007

FAZIA QUASE UM MINUTO QUE ERIN estava à porta; eu podia ver o reflexo dela na janela escurecida pelo entardecer. Continuei olhando para a planilha na tela do computador, perguntando-me como podia estar escuro quando eu saí para o trabalho de manhã, e agora já estar escuro de novo.

— Cathy?

Virei a cabeça.

— Perdão. Eu estava com o pensamento longe. O que foi?

Ela se apoiou na porta, uma das mãos na cintura, seu comprido cabelo ruivo preso num coque.

— Eu perguntei se você já está acabando.

— Ainda não. Por quê?

— Não se esqueça de que hoje é a despedida da Emily. Você vai, não é?

Voltei a olhar para a tela.

— Para ser sincera, não sei. Preciso terminar isso. Pode ir na frente. Vou tentar passar lá mais tarde, se der.

— Tudo bem — disse ela finalmente, e saiu batendo os pés, embora as sapatilhas não fizessem muito barulho.

Esta noite, não, pensei. Justo esta noite, não. Aquela festa natalina horrível, eu ainda podia aceitar, mas sair para celebrar a despedida de alguém que eu mal conheço já é demais. Eles vêm planejando o evento desde agosto; particularmente, acho que fim de novembro é cedo demais para comemorar o Natal, mas foi a data que escolheram. E depois disso não vão mais parar de festejar até chegar vinte e cinco de dezembro. Cedo ou não, terei que ir, do contrário já posso até

ouvir os comentários que farão sobre minha falta de “espírito de equipe”, e só Deus sabe o quanto eu preciso deste emprego.

Assim que a última pessoa saiu do escritório, fechei a planilha e desliguei o computador.

Sexta-feira, 31 de outubro de 2003

SEXTA-FEIRA, NOITE DE HALLOWEEN, os bares da cidade festejam o Dia das Bruxas até quase transbordar o caldeirão.

No pub Cheshire Arms, eu tinha bebido sidra e vodca, e acabei me perdendo de Claire, Louise e Sylvia. Mas fiz uma nova amiga, Kelly, que estudou na mesma escola que eu, embora eu não me lembre dela. Não que isso tivesse importância para alguma de nós. Kelly estava fantasiada de bruxa sem vassoura, com uma meia-calça de riscas cor de laranja e uma peruca preta de náilon, e eu, de noiva de Satã, com um vestido vermelho de cetim apertado e sapatos de seda vermelho-cereja que custaram mais que o vestido. Já haviam passado a mão em mim algumas vezes.

Por volta de uma hora, a maioria das pessoas já estava indo pegar o ônibus de volta para casa, indo à procura de um táxi, ou simplesmente saindo cambaleante para mergulhar na noite gelada. Kelly e eu seguimos para o bar River, o único lugar que provavelmente nos deixaria entrar.

— Você vai *super* arrasar com esse vestidinho, Catherine — disse Kelly, batendo os dentes.

— Tomara. Foi caro para cacete.

— Será que vamos encontrar alguma coisa decente aí dentro? — perguntou ela, observando esperançosamente a fila desorganizada.

— Duvido. Além do mais, você não disse que não queria mais saber de homem nenhum?

— Eu disse que não queria mais saber de relacionamentos. Não quer dizer que não quero mais saber de sexo.

Fazia um frio cortante e estava começando a choviscar. O vento varria os odores de sexta-feira à noite ao meu redor e levantava meu vestido. Apertei o casaco em volta do corpo e cruzei os braços.

Kelly e eu nos dirigimos à entrada VIP. Lembro que questioneei se aquilo era mesmo uma boa ideia, se não seria melhor encerrar a noite por ali, mas então percebi que ela já havia entrado e resolvi segui-la. Acabei sendo barrada por uma parede de terno cinza-chumbo.

Quando ergui o rosto, vi um par de olhos azuis incríveis e um cabelo louro bem curto. O tipo de pessoa com a qual não convém discutir.

— Espere aí — disse a voz, e encarei o segurança.

Ele não era tão grande quanto os outros dois, mas ainda assim era mais alto do que eu. Tinha um sorriso bem atraente.

— Oi — falei. — Você vai me deixar entrar com a minha amiga?

Ele ficou calado por um momento, me olhando por mais tempo do que seria conveniente.

— Vou — falou por fim —, claro. É só que...

Esperei que ele terminasse a frase.

— Só que o quê?

Ele olhou de relance para os outros seguranças, que estavam conversando com uns adolescentes que insistiam para que os deixassem entrar.

— Por um instante não acreditei na minha sorte. Só isso.

Eu ri da cara dele.

— Não está sendo uma boa noite?

— É que eu tenho uma queda por vestidos vermelhos — disse ele.

— Acho que este ficaria pequeno em você.

Ele riu e afastou a corda de veludo, deixando-me passar. Senti que estava me olhando enquanto eu deixava meu casaco na chapelaria; então arrisquei uma olhada para a porta e o vi novamente, ainda me observando. Abri um sorriso para ele e subi os degraus rumo ao bar.

Tudo de que me lembro daquela noite é de dançar até ficar zonza, sorrindo e achando graça das pessoas com minha mais nova melhor amiga, e de dançar naquele vestido vermelho até encontrar o olhar de alguém, um cara qualquer, e, o melhor de tudo, de achar um canto escuro dentro da boate e transar encostada na parede.

Quinta-feira, 1º de novembro de 2007

LEVEI MUITO, MUITO TEMPO PARA SAIR de casa hoje de manhã. Não foi por causa do frio, embora o aquecedor pareça demorar séculos para começar a fazer efeito. Nem por estar escuro. Acordo todo dia antes das cinco, e desde setembro que a essa hora ainda não há um ponto de claridade.

Levantar da cama não é problema para mim; o problema é sair de casa. Depois de tomar banho, me vestir e comer alguma coisa, inicio o processo de verificar se o apartamento está seguro, antes de sair para o trabalho. É como o inverso do que eu faço à noite, só que um pouco pior, pois sei que o tempo está contra

mim. Posso passar a noite toda conferindo tudo, se eu quiser, mas de manhã sei que tenho que ir para o trabalho, de forma que há um limite. Preciso deixar as cortinas das salas de estar e de jantar ao lado da varanda abertas exatamente no mesmo ponto todos os dias, caso contrário não poderei voltar para casa. As persianas são formadas por dezesseis lâminas e estão em cada uma das portas que dão para o pátio; tenho que deixá-las abertas de forma que eu veja somente oito lâminas de cada lado ao olhar de fora, dos fundos do prédio. Se eu enxergar uma lascinha que seja da sala de jantar por entre as lâminas da persiana, ou se as cortinas não estiverem retas, então tenho que voltar e começar tudo novamente.

Acabei ficando ótima nisso, mas ainda assim me toma muito tempo. Quanto mais minuciosa eu for, menos chances terei de me xingar pelo caminho por meu descuido e de ficar conferindo a hora.

A porta é o maior problema. Onde eu morava antes, naquele apartamento apertado de subsolo em Kilburn, pelo menos minha porta dava direto para a rua. Aqui tenho que verificar várias vezes a porta do meu apartamento — entre seis e doze vezes — e depois a porta do prédio, que dá para a rua.

O apartamento em Kilburn até tinha uma porta de acesso ao prédio, porém nada mais, nenhuma porta dos fundos ou janelas. Era como se eu morasse numa caverna. Não havia rota de fuga, o que significava que eu nunca me sentia realmente segura lá dentro. Aqui é muito melhor: as portas francesas dão para uma pequena varanda, e logo embaixo está o telhado do galpão de depósito, que divido com os outros apartamentos, embora eu não saiba se alguém mais o utiliza. Posso passar pelas portas de vidros, pular para o telhado do galpão e de lá para o gramado. Seguindo pelo jardim e passando pelo portão, chego ao beco dos fundos em menos de trinta segundos.

Às vezes preciso voltar e conferir mais uma vez a porta do meu apartamento. Se algum dos outros moradores apenas fechou a porta do prédio, sem trancar, com certeza tenho que verificar a minha porta de novo. Qualquer um pode ter entrado.

Hoje de manhã, por exemplo, foi um dos piores dias.

Não somente a porta do prédio não tinha sido trancada como também estava entreaberta. Quando me aproximei da entrada, um homem de terno a abriu, me assustando. Atrás dele vinha um outro homem, este mais jovem e alto, de calça jeans e casaco com capuz. Cabelo escuro e rente, a barba por fazer, olhos verdes com um ar cansado. Ele sorriu para mim e pediu desculpas sem emitir som, o que ajudou um pouco.

Ternos ainda me assustam. Tentei não olhar para aquele, mas ouvi o homem dizer, enquanto subia as escadas, “...este acabou de ser desocupado, se quiser, vai ter que ser rápido”.

Um corretor imobiliário.

Os estudantes chineses do último andar devem ter finalmente decidido se mudar. Já não eram mais estudantes, se formaram no início do ano — deram uma festa que durou a noite toda, enquanto eu, deitada na minha cama no andar de baixo, ouvia o som de pés subindo e descendo as escadas sem parar. A porta da frente ficou destrancada a noite toda. Fiz uma barricada empurrando a mesa de jantar para bloquear a minha porta, mas o barulho me deixou angustiada e ansiosa.

Observei então o segundo homem, que seguia o de terno pela escada.

Para meu horror, o homem de calça jeans se virou no meio do lance de escada e sorriu para mim novamente, um sorriso de pesar desta vez, erguendo as sobrancelhas como se já estivesse cansado da voz do corretor. Senti que fiquei tremendamente ruborizada. Faz muito tempo que não mantenho contato visual com um estranho.

Ouvi os passos subindo até o último andar, o que significava que haviam passado pela minha porta. Olhei o relógio — já eram oito e quinze! Mas eu não podia simplesmente ir embora e deixá-los lá dentro do prédio.

Bati a porta com firmeza e girei a chave, forçando a porta algumas vezes para ter certeza de que estava bem fechada. Com as pontas dos dedos percorri o contorno da porta, conferindo o alinhamento com o batente. Girei a maçaneta seis vezes, verificando se estava trancada. Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Depois conferi o contorno da porta mais uma vez. E então a maçaneta, seis vezes. Um, dois, três, quatro, cinco, seis. E o contorno da porta de novo. E por fim a maçaneta, mais seis vezes. Senti o alívio que me toma quando consigo fazer isso direito.

Depois subi até meu apartamento, irritada porque aqueles dois imbecis iam me atrasar.

Sentei na beira da cama por um instante, fitando o teto, como se pudesse enxergar os dois homens através do reboco e das vigas. O tempo todo eu lutava contra a vontade de verificar as trancas das janelas novamente.

Eu me concentrei na respiração, olhos fechados, tentando acalmar meu coração, que batia disparado. Eles não vão demorar, disse a mim mesma. O cara está só dando uma olhada. Não vão demorar. Está tudo bem. O apartamento está seguro. Eu estou segura. Já fiz isso direito antes. A porta do prédio está fechada. Está tudo bem.

Volta e meia um ruído me assustava, muito embora parecesse vir de muito longe. A porta de um armário batendo? Talvez. E se eles tiverem aberto uma janela lá em cima? Dava para ouvir um vago murmúrio, muito distante para que eu conseguisse distinguir as palavras. Eu me perguntei quanto estariam pedindo pelo

aluguel — quanto mais alto, melhor. Por outro lado, eu não teria a varanda. Por mais que eu goste de me sentir inatingível, dispor de uma rota de fuga é igualmente importante.

Olhei as horas — quase quinze para as nove. Mas que merda eles estavam fazendo lá em cima? Fiz a besteira de olhar para a janela do quarto, e aí, evidentemente, tive que ir verificá-la. O que bastou para me fazer conferir tudo de novo, começando pela porta, e lá estava eu na minha segunda ronda, de pé sobre o tampo do vaso sanitário, passando os dedos pela beirada da janela de vidro fosco que nem sequer abre, quando ouvi baterem a porta no último andar e descerem a escada.

— ...uma área agradável e tranquila, para dizer o mínimo. Não precisa ter medo de deixar o carro na rua.

— Ah, sim, mas eu devo andar mesmo de ônibus. Ou de bicicleta.

— Acho que há um depósito coletivo no jardim; vou me informar melhor quando voltarmos ao escritório.

— Ótimo. Mas provavelmente vou deixá-la no corredor.

No corredor? Que cara de pau! Já não está bagunçado o bastante desse jeito? Por outro lado, assim talvez alguém mais além de mim teria interesse em trancar a porta do prédio.

Acabei de verificar tudo, deixando a porta por último. Nada mal. Fiquei esperando por aquela ansiedade, a necessidade de recomeçar tudo, mas me senti bem. Eu tinha feito tudo certo, e apenas duas vezes. A casa estava silenciosa, o que facilitava as coisas. E o melhor de tudo, desta vez a porta do prédio estava bem encaixada, indicando que o homem de calça jeans a tinha fechado direito ao sair. Talvez não viesse a ser um mau morador, afinal de contas.

Eram quase nove e meia quando finalmente cheguei à estação do metrô.

Terça-feira, 11 de novembro de 2003

QUANDO O VI PELA SEGUNDA VEZ, aquela lembrança desaparecera completamente, de forma que passei um bom tempo olhando para ele. Atraente, boca sensual, com certeza me parecia familiar — alguém em quem eu já dei uns amassos em algum bar?

— Você não se lembra de mim — disse ele, a decepção clara em sua voz. — Você estava com um vestido vermelho. Eu estava na porta do River.

— Ah, claro! Desculpe — falei, balançando a cabeça como se aquilo ajudasse a fazer sentido. — É que eu... não reconheci você sem aquele terno.

Isso me deu a oportunidade de olhá-lo de cima a baixo, avaliando-o. Ele estava de short, tênis e uma camiseta preta — pronto para se exercitar, e muito diferente de como eu o vira da última vez.

— Sei, mas aquilo não seria muito confortável para malhar.

— Imagino.

Repentinamente me dando conta de que eu ainda estava encarando as coxas dele, percebi que devia estar horrenda, após fazer uma hora de ginástica — o cabelo preso para trás, alguns fios grudados no meu rosto vermelho, a camiseta suada. Encantadora.

— Bom, legal encontrar você de novo — disse ele, me olhando de cima a baixo numa fração de segundo.

Eu não sabia dizer se ele estava sendo abusado ou um tanto inconveniente. Mas então ele concluiu a frase com um sorriso meio de lado que não era nem um pouco lascivo, apenas muito sexy.

— É, digo o mesmo. Eu... eu preciso tomar um banho.

— Claro. Até mais, então. — E com isso ele se virou e subiu a escada da academia correndo, de dois em dois degraus.

No chuveiro, me peguei desejando tê-lo encontrado antes, quando estava chegando à academia, em vez de só na saída. Assim poderíamos ter conversado direito, e eu não estaria com aquela aparência acabada. Por alguns instantes contemplei a possibilidade de fazer hora na lanchonete até ele terminar de malhar. Será que assim eu pareceria muito fácil? Muito desesperada?

Bem, o que posso dizer? Já faz algum tempo. Os últimos homens de quem gostei foram casos de apenas uma noite; algumas vezes eu estava tão bêbada que nem me lembro dos detalhes. Não há nada de errado nisso, é claro, eu estava apenas me divertindo enquanto era tempo. Estava cansada de relacionamentos na época, queria aproveitar a fase solteira, essas bobagens. Talvez fosse hora de começar a sossegar um pouco. Talvez fosse hora de começar a pensar no futuro.

Enquanto me enxugava no vestiário vazio, algo de repente me ocorreu: eu não devia estar tão mal assim, caso contrário ele não teria me reconhecido. Da última vez que ele me vira, eu estava usando um vestido de cetim vermelho, o cabelo solto caindo pelos ombros. Hoje eu estava em trajes suados de ginástica, sem maquiagem e de rabo de cavalo — bem diferente. E ainda assim ele me reconheceu no mesmo instante; eu vi isso nos seus olhos.

E ele tinha dito “Oi de novo”.

Desde aquele dia, eu não tinha voltado ao River, embora na época saísse à noite várias vezes por semana. No último fim de semana fui visitar alguns amigos na Escócia, dois dias exaustivos sem tempo para dormir — mas isso não me impediu de sair para beber depois do trabalho. Na sexta-feira acabamos no Roadhouse, um

bar recém-inaugurado na Market Square. Estava lotado, graças aos preços promocionais das bebidas por ser o primeiro fim de semana deles em funcionamento, e em menos de meia hora Sam e Claire estavam se agarrando cada uma com um cara. Por um tempo fiquei dançando e bebendo, bebendo e dançando, sozinha e feliz da vida, encontrando pessoas conhecidas e batendo papo, berrando no ouvido dos outros por causa do volume da música. Havia uns homens bem interessantes por lá, mas poucos estavam sozinhos. E esses poucos eu já conhecia, ou por já ter ficado com eles antes, ou por eles já terem ficado com alguma amiga minha.

Agora, eu já estava ansiosa pelo fim de semana. Sexta à noite eu tinha combinado de sair com Claire, Louise e sua irmã, Emma, mas depois disso o fim de semana seria só meu. Voltei para o carro sorrindo para mim mesma, pensando que talvez pudéssemos dar um pulo no River.

Segunda-feira, 5 de novembro de 2007

SAINDO TARDE DO TRABALHO, EVITO O metrô lotado. Logo que me mudei para cá, fiz a besteira de enfrentar a hora do rush, e o pânico aumentava a cada dia. Havia rostos demais para examinar, corpos demais me apertando de todos os lados. Muitos lugares onde alguém poderia se esconder e pouco espaço para eu fugir. Por isso agora eu saio tarde do trabalho, o que compensa meus atrasos matinais. Fico andando de um lado para o outro da plataforma de embarque até o último instante possível, quando as portas estão quase se fechando, e só então entro correndo no vagão. Desse modo sei exatamente quem está viajando comigo.

Esta noite levei um tempo decidindo que caminho tomar para voltar para casa. Todos os dias faço um itinerário diferente pelas linhas do metrô, saltando uma estação antes ou depois, seguindo a pé cerca de um quilômetro e então pegando um ônibus, ou voltando para o metrô.

Geralmente deixo a caminhada para a última parte do percurso, seguindo por ruas diferentes. Faz dois anos que me mudei de Lancaster para cá, e já conheço o sistema de transporte londrino tão bem quanto alguém daqui. Isso tudo leva muito tempo e me deixa exausta, mas não tenho pressa para chegar em casa. E é mais seguro.

Depois que saltei do ônibus em Steward Gardens, meu caminho foi pontuado por fogos de artifícios, aquele cheiro acre preenchendo o ar frio e úmido. Atravessei a High Street, margeando o parque. Voltei pela Lorimer Road. Seguindo pelo beco — detesto becos, mas este pelo menos é bem-iluminado —, cheguei aos fundos das garagens. Dei uma olhada para cima: a luz acesa na minha sala de jan-

tar, as persianas parcialmente fechadas. Contei as dezesseis lâminas, oito em cada porta, que de longe eram retângulos amarelos, com as margens na junção exata com as cortinas. Nenhum outro ponto de luz por entre as lâminas das persianas. Ninguém tocara nas cortinas enquanto eu estivera fora. Repeti isso para mim mesma várias vezes, enquanto continuava caminhando. O apartamento está seguro, ninguém esteve lá.

Ao final do beco, depois de virar à direita, eu já estava quase em casa — Talbot Street. Resisti à tentação de seguir até o final da rua pelo menos uma vez para depois dar meia-volta; esta noite, consegui entrar na primeira tentativa. Olhei para trás ao girar a chave, que já estava em minha mão desde que eu saltara do ônibus. A porta do prédio se fechou depois que entrei. Verifiquei o contorno da porta para ver se estava bem ajustada com o batente, prestando atenção a qualquer protuberância que pudesse indicar um fechamento imperfeito. Conferi seis vezes, contando a cada vez: um, dois, três, quatro, cinco, seis. Girei a maçaneta; seis vezes.

Naquele exato instante, a Sra. Mackenzie abriu a porta do apartamento do térreo, o 101.

— Oooi, Cathy! Como vai?

— Vou bem, obrigada — respondi, dando-lhe meu melhor sorriso. — E a senhora?

Ela assentiu e ficou me olhando, a cabeça inclinada por um momento, como sempre faz, e depois entrou de volta em casa. Dava para ouvir a televisão ligada ao volume máximo, como de hábito. O noticiário da noite. Ela assiste todo dia. E nunca me perguntou o que eu estava fazendo.

Voltei às minhas verificações, imaginando se ela fazia isso de propósito, só para me interromper, sabendo que terei que recomeçar do zero. Sem problemas, desde que porta não fique emperrada. Às vezes fica. Então: a porta e a maçaneta, faça isso direito, Cathy. Não estrague tudo, senão vamos passar a noite toda aqui.

Finalmente, terminei de conferir a porta da entrada do prédio e subi a escada. Chegando ao meu andar, prestei atenção em volta. Escutei a calma que reinava ali; o som de uma sirene a algumas ruas, a televisão ligada no andar de baixo. Mais fogos de artifício estourando bem longe. Um grito vindo de algum lugar, lá fora, me fez prender a respiração, mas logo em seguida ouvi uma voz masculina e um riso de mulher em tom repreensivo.

Abri minha porta, olhei novamente para o vão da escada atrás de mim e então entrei, fechei a porta e tranquei tudo: ferrolho embaixo, corrente no meio e a fechadura em cima. Fiquei ali parada com os ouvidos atentos. Silêncio completo do outro lado da porta. Olhei pelo olho mágico. Ninguém lá fora; só a escada, o corredor e a luz vinda do alto. Percorri com os dedos o contorno da porta, girei seis vezes a maçaneta para um lado, seis vezes para o outro. Um, dois, três, quatro,

cinco, seis. O ferrolho mantinha a porta fechada. Conferi a fechadura seis vezes. Abri e fechei o ferrolho seis vezes, a cada vez testando junto a maçaneta. Quando acabei tudo isso, pude passar para o restante do apartamento.

A primeira coisa que fiz foi verificar todas as janelas e fechar as cortinas, percorrendo o apartamento na ordem de sempre. Primeiro a janela da frente, que dá para a rua. Todas as trancas acionadas. Passei os dedos pelos caixilhos das janelas. Então pude fechar as cortinas completamente, deixando a escuridão lá fora. Da rua, ninguém pode me ver, a menos que eu me aproxime do vidro. Conferi as extremidades das cortinas, no caso de ter ficado uma brecha. Em seguida passei para a varanda, para as portas duplas. No verão posso ver dali o jardim e dar uma olhada nos muros que cercam o prédio, mas naquela época do ano ficava tudo escuro lá fora. Conferi as fechaduras das portas da varanda, percorri com os dedos os contornos, testei a maçaneta seis vezes. A tranca estava bem segura, a maçaneta girou sem problemas. Depois fechei as pesadas cortinas, isolando a escuridão do lado de fora.

Cozinha. As janelas dali não abrem, mas eu as verifiquei assim mesmo. Baixei as persianas. Fiquei alguns minutos em frente à gaveta, visualizando o que havia ali dentro e em que ordem. Quando a abri, olhei para a bandeja: garfos à esquerda, facas no meio e colheres à direita. Fechei a gaveta, mas depois a abri de novo para ter certeza. Definitivamente, as facas ficam no meio, os garfos à esquerda e as colheres à direita. Como eu sabia? Talvez tenha feito alguma coisa errada. Abri a gaveta mais uma vez. Então fiquei tranquila.

Em seguida, o banheiro. Uma janela alta e fosca, que também não abre, mas assim mesmo subi no tampo do vaso sanitário e verifiquei o encaixe, para ver se estava hermeticamente fechada, e depois abaixei a persiana. Dali, segui para meu quarto. Janelas grandes que dão para o jardim nos fundos, mas as cortinas já estavam fechadas, conforme eu as deixara ao sair para o trabalho pela manhã. O quarto estava escuro. Criei coragem e abri as cortinas, verificando os caixilhos amplos. Instalei trancas suplementares nessas janelas quando me mudei para cá; conferi cada uma delas, girando as chaves seis vezes para ter certeza de que estavam bem trancadas. Depois fechei as cortinas, passando uma extremidade por cima da outra, de modo a não deixar sequer uma brecha de janela visível. Em seguida acendi a luminária da cabeceira e sentei na beira da cama. Fiquei ali respirando profundamente, tentando controlar o pânico crescente. Às sete e meia havia um programa que eu queria assistir na televisão. O relógio de cabeceira marcava sete e vinte e sete. Eu queria ver TV. Mas o pânico persistia, apesar de eu tentar ser racional, apesar de dizer a mim mesma que fizera tudo, verificara tudo, que não havia nada com que me preocupar, o apartamento estava protegido, eu estava segura, mais um dia em segurança dentro de casa.

Meu coração ainda estava acelerado.

Com um suspiro, levantei da cama e fui até a porta para começar tudo novamente.

Isso não pode continuar. Já faz mais de três anos. Isso tem que acabar, *tem* que acabar.

Nessa segunda ronda, repeti todo o processo verificando tudo doze vezes, para só então passar para a janela da frente.

Domingo, 16 de novembro de 2003

ACABOU QUE NÃO ACONTECEU NO RIVER, mas outra vez na academia.

A noite de sexta-feira foi meio patética, na verdade. Muitas noites consecutivas, sem tempo para me recuperar. Tudo foi se acumulando e eu me sentia cansada, irracionalmente infeliz e nem um pouco inclinada a sair à caça de um segurança de boate sexy. Tomamos três drinks no Pitcher and Piano, mais dois no Queen's Head, e a essa altura eu já estava cansada. Quando falei que ia embora, Sam olhou para mim como se eu estivesse de brincadeira. Passei o sábado me recuperando, assistindo a filmes no sofá.

Acordei às dez no domingo, me sentindo revigorada pela primeira vez em semanas. O sol brilhava lá fora, o ar estava fresco e sereno, um dia excelente para ir correr. Eu iria fazer isso, depois compraria alimentos saudáveis e dormiria cedo.

Bastaram alguns passos na calçada gelada para eu desistir da ideia. Então volvei, enfiar algumas roupas limpas na bolsa e percorri de carro os oito quilômetros até a academia.

Dessa vez eu o reconheci antes que ele me visse. Ele estava de pé na beira da piscina, ajustando os óculos de natação. Sem me importar se ele podia enxergar através da vidraça e me ver ali devorando-o com os olhos, fiquei observando-o entrar na água, tomar impulso na borda e sair nadando um crawl suave e tranquilo. A água mal se movia à sua passagem. Fiquei vendo-o cruzar duas vezes a piscina, hipnotizada pelo seu ritmo, até alguém tropeçar na minha bolsa de ginástica e me tirar do transe.

No vestiário, guardei a bolsa num armário e peguei meu MP3, prendendo-o no braço. Quando me dirigia à sala de ginástica, vi meu reflexo em um dos espelhos. Minhas faces estavam coradas, e a expressão nos meus olhos me fez parar imediatamente. Meu Deus, pensei, incapaz de tirar do meu rosto o sorriso idiota, ele é realmente gostoso para cacete.